

IAIN PROVAN
V. PHILIPS LONG
TREMPER LONGMAN III

UMA HISTÓRIA BÍBLICA DE ISRAEL




VIDA NOVA

Uma resposta equilibrada, acadêmica e bem fundamentada aos chamados minimalistas, que têm dominado o debate sobre a história do Antigo Israel. *Uma história bíblica de Israel* argumenta corretamente que a “confiabilidade histórica” dos textos antigos depende em grande parte de quais sejam os testemunhos confiáveis. A consequência é que o ceticismo, que tem predominado há bastante tempo nos debates do Antigo Testamento, não pode mais reivindicar uma posição privilegiada — seja epistemológica, seja moral —, pois de fato não passa de uma defesa ideológica. Esse livro precisará ser levado a sério e será bem recebido por todos os que estão envolvidos com questões relacionadas à historicidade do texto bíblico.

Walter Brueggemann, professor emérito da cátedra William Marcellus McPheeters de Antigo Testamento, do Columbia Theological Seminary

Embora nem todos concordarão com essa história “maximalista” do Israel antigo, não consigo pensar em empreendimento de uma perspectiva conservadora que seja mais honesto, abrangente e bem documentado. Há mais de uma década, revisionistas radicais têm alegado que uma história do Israel antigo, o Israel bíblico, não pode mais ser escrita e que os historiadores podem ser ou críticos, ou confessionais, nunca as duas coisas. *Uma história bíblica de Israel* prova que os revisionistas estão errados em suas posições.

William G. Dever, professor emérito de Arqueologia e Antropologia do Oriente Próximo pela Universidade do Arizona

Long, Provan e Longman são o trio mais talentoso dos últimos cinquenta anos a voltar a atenção para a tarefa de recontar a história de Israel. O resultado é uma análise maravilhosamente fácil de ler, rica em detalhes e sintética, que atrairá tanto pesquisadores profissionais quanto leigos.

Baruch Halpern, professor de História Antiga e da cátedra Chaiken Family de Estudos Judaicos, na Pennsylvania State University

Sumário

<i>Prefácio</i>	11
<i>Cronologia simplificada dos períodos arqueológicos em Canaã</i>	13
<i>Reduções (siglas e abreviaturas)</i>	15

PRIMEIRA PARTE: HISTÓRIA, HISTORIOGRAFIA E A BÍBLIA

Capítulo 1	A história bíblica morreu?.....	21
	Análise de um obituário	22
	O defunto de fato está morto?.....	25
	<i>Os textos bíblicos e o passado</i>	25
	<i>A arqueologia e o passado</i>	26
	<i>Ideologia e passado</i>	27
	<i>O obituário foi precipitado?</i>	28
	Uma longa enfermidade: dois estudos de caso iniciais.....	29
	<i>Soggin e a história de Israel</i>	30
	<i>Miller e Hayes e a história de Israel</i>	36
	Uma breve história da historiografia	41
	A história da história de Israel	48
	<i>As tradições patriarcais</i>	49
	<i>As tradições relativas a Moisés/Josué</i>	52
	<i>As tradições de Juízes</i>	53
	<i>Conclusão</i>	59
	É possível salvar o paciente?.....	61
Capítulo 2	Conhecer e crer: a fé no passado	65
	Um reexame da “história científica”	67
	<i>A ciência e a filosofia da ciência</i>	67

	<i>A história como ciência: uma breve história da divergência</i>	69
	Testemunho, tradição e passado	74
	<i>Testemunho e conhecimento</i>	76
	<i>Reconsiderando a história da historiografia</i>	83
Capítulo 3	Conhecendo a história de Israel	85
	Verificação e falsificação	88
	Testemunhos antigos e recentes	92
	A ideologia e o passado de Israel.....	103
	<i>A arqueologia e o passado</i>	104
	<i>Textos extrabíblicos e o passado de Israel</i>	106
	<i>Ideologia e historiografia</i>	113
	<i>Ideologia e pensamento crítico</i>	115
	A analogia e o passado de Israel	116
	Conclusão.....	120
Capítulo 4	Narrativa e história: relatos sobre o passado	123
	O ressurgimento da história narrativa depois de quase morrer....	125
	Análise literária e o estudo da história: casamento feliz ou divórcio tardio?	129
	Narratividade: realidade ou ilusão?	133
	<i>A narratividade da vida</i>	134
	<i>A narratividade da historiografia (bíblica) e a questão da ficção</i> ...	137
	Historiografia: arte ou ciência?	139
	A leitura da historiografia narrativa.....	143
	A poesia da narrativa bíblica	147
	Exemplo: Salomão no texto e no tempo.....	151
	Resumo e perspectiva	155
Capítulo 5	Uma história bíblica de Israel	157

SEGUNDA PARTE:
A HISTÓRIA DE ISRAEL,
DE ABRAÃO ATÉ O PERÍODO PERSA

Capítulo 6	Antes da conquista da terra	169
	Fontes para o estudo do período patriarcal: o relato de Gênesis..	170
	O relato dos patriarcas.....	171

<i>As narrativas patriarcais como teologia e como história</i>	173
A história dos patriarcas e a história do texto.....	174
Os patriarcas no ambiente do Antigo Oriente Próximo.....	176
O contexto sociológico dos patriarcas	184
Gênesis 14 e a história do período patriarcal.....	186
A narrativa de José (Gn 37—50).....	189
<i>Análise literária</i>	190
<i>O propósito teológico da narrativa de José</i>	191
<i>José no Egito</i>	192
O nascimento de Moisés.....	195
O chamado de Moisés e as pragas do Egito.....	197
O Êxodo e a travessia do mar.....	200
A data do Êxodo	203
A peregrinação no deserto.....	205
<i>Do Egito ao Monte Sinai</i>	205
<i>Do Sinai a Cades-Barneia e depois às planícies de Moabe</i>	209
Conclusão.....	211
Capítulo 7 O estabelecimento na terra	213
Fontes para o estudo do estabelecimento israelita em Canaã	214
O surgimento de Israel em Canaã: uma análise das teorias	
propostas pelos estudiosos.....	214
<i>A teoria da conquista</i>	215
<i>A teoria da infiltração pacífica</i>	217
<i>A teoria da revolta (dos camponeses)</i>	219
<i>Outras teorias endógenas</i>	222
Análise dos textos bíblicos (Josué e Juízes)	228
<i>O livro de Josué</i>	231
<i>O livro de Juízes</i>	241
<i>Um estudo de Josué e Juízes em conjunto</i>	254
Análise dos textos extrabíblicos	258
<i>A estela de Merneptá</i>	258
<i>As cartas de Amarna</i>	260
Análise dos vestígios materiais	265
<i>Descobertas arqueológicas de Jericó, Ai, Hazor e Laís</i>	266
<i>Outros sítios arqueológicos importantes</i>	280
<i>Sítios da região montanhosa na Idade do Ferro I</i>	286

	Integrando as evidências textuais e materiais	289
	Conclusão.....	292
Capítulo 8	A Monarquia Antiga	295
	Fontes para o estudo da Monarquia Antiga em Israel.....	297
	A cronologia da Monarquia Antiga em Israel.....	304
	Introdução à história da monarquia: 1Samuel 1—7	308
	Israel exige e obtém seu rei: 1Samuel 8—14	316
	A ascensão de Davi e a decadência e a morte de Saul:	
	1Samuel 15—31	328
	<i>Davi foi mesmo um personagem histórico?</i>	329
	<i>Com que precisão o Davi da tradição reflete o Davi real</i> <i>e histórico?</i>	332
	<i>Com que precisão a narrativa bíblica descreve os atos</i> <i>específicos de Davi?</i>	338
	<i>O relato bíblico da ascensão de Davi ao poder é</i> <i>historicamente aceitável?</i>	344
	O reino de Davi: 2Samuel 1—10	347
	<i>A questão relacionada à Jerusalém</i>	348
	<i>A questão relacionada ao império</i>	351
	A família e o sucessor de Davi: 2Samuel 11—24	354
	Conclusão.....	361
Capítulo 9	A Monarquia Posterior: Salomão	363
	Fontes para o estudo da Monarquia Posterior em Israel.....	363
	A cronologia da Monarquia Posterior em Israel.....	368
	O reinado de Salomão.....	374
	<i>Salomão: os anos iniciais</i>	374
	<i>O governo de Salomão sobre Israel</i>	376
	<i>Salomão e o mundo de sua época</i>	380
	<i>Os projetos de construção de Salomão</i>	384
	<i>Salomão e a religião de Israel</i>	387
Capítulo 10	A Monarquia Posterior: os reinos divididos	391
	A divisão de Israel: de Roboão até Onri.....	391
	O período da dinastia de Onri	399
	De Jeú à queda de Samaria.....	407
	Da queda de Samaria à rendição de Jerusalém	420

Capítulo 11 O Exílio e o período posterior	431
Fontes para o estudo do período exílico	431
A queda de Jerusalém	432
A extensão da destruição	434
O alcance da deportação	435
<i>Os que permaneceram</i>	438
<i>Examinando a ocorrência do Exílio</i>	440
A queda da Babilônia	441
Fontes para o estudo do período pós-exílico	442
O período pós-exílico inicial	443
<i>O decreto de Ciro</i>	443
<i>A identidade e a função de Sesbazar e Zorobabel</i>	445
<i>Os governadores pós-exílicos de Yehud e províncias vizinhas</i>	448
<i>Uma comunidade de cidadãos do Templo?</i>	450
<i>A construção do Templo</i>	451
<i>Quem foram os “inimigos de Yehud” no período</i> <i>pós-exílico inicial?</i>	453
O período pós-exílico intermediário: o livro de Ester	455
O período pós-exílico final	459
<i>A seqüência dos trabalhos de Esdras e Neemias</i>	460
<i>Esdras e Neemias no contexto da política persa</i>	462
<i>Quem foram os “inimigos de Yehud” no período pós-exílico final?</i>	464
<i>Transições para o período intertestamentário</i>	466
Conclusão	467
 <i>Índice de passagens bíblicas</i>	 469
<i>Índice remissivo</i>	481

Prefácio

Quando você pensa que tudo na história já
aconteceu, descobre que não aconteceu.

DUNCAN PROVAN, aos 11 anos

O balbuciar dos bebês e as declarações de seus irmãos mais velhos têm diversas utilidades. Uma delas é fazer com que os autores não precisem dar longas explicações sobre a razão de sua obra, para proveito dos que desejariam lê-las. Assim, restringimos aqui nossos comentários a manifestações de agradecimento a todos os que nos ajudaram a concluir este projeto, em especial a Jason McKinney e Carrie Giddings, que realizaram a maior parte do trabalho pesado e da revisão de provas. Para decepção dos que gostam de aplicar a crítica editorial a obras escritas por mais de um autor e, portanto, precisam fazer intervalos mais frequentes para respirar um pouco de ar puro, acrescentamos apenas a seguinte informação: os capítulos 1-3, 5, 9 e 10 são em grande parte de autoria de Provan; os capítulos 4, 7 e 8 são principalmente de Long; e os capítulos 6 e 11 são predominantemente de Longman. Provan atuou também como editor geral, unindo todas as partes do livro, e Long foi o responsável pela obra durante o processo de publicação.

Iain Provan
Phil Long
Tremper Longman III

Cronologia simplificada dos períodos arqueológicos em Canaã

Idade do Bronze Média (BM)	2100-1550
BM I	2100-1900
BM II	1900-1550
Idade do Bronze Recente (BR)	1550-1200
BR I	1550-1400
BR II	1400-1200
Idade do Ferro	1200-332
Ferro I	1200-1000
Ferro II	1000-586
Ferro III	586-332

Reduções (siglas e abreviaturas)

AB	Anchor Bible
ABD	<i>The Anchor Bible dictionary</i> . David N. Freedman <i>et al.</i> (orgs.)
AJSL	<i>American Journal of Semitic Languages and Literatures</i>
ANEP	<i>The Ancient Near East in pictures</i> . J. B. Pritchard (ed.)
ANET	<i>Ancient Near Eastern texts</i> . J. B. Pritchard (ed.)
AOAT	Alter Orient und Altes Testament
ASOR	American Schools of Oriental Research
ATDan	Acta theologica danica
AUSDDS	Andrews University Seminary Doctoral Dissertation Series
AUSS	<i>Andrews University Seminary Studies</i>
BA	<i>Biblical Archaeologist</i>
BAR ^{ev}	<i>Biblical Archaeology Review</i>
BASOR	<i>Bulletin of the American Schools of Oriental Research</i>
Bib	<i>Biblica</i>
BibOr	<i>Biblica et Orientalia</i>
BibS(N)	Biblische Studien (Neukirchen, 1951-)
BJS	Brown Judaic Studies
BKAT	Biblischer Kommentar: Altes Testament
BN	<i>Biblische Notizen</i>
BR	<i>Biblical Research</i>
BSem	The Biblical Seminar
BTB	<i>Biblical Theology Bulletin</i>
BZAW	Beihefte zur Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft
CAH	<i>Cambridge Ancient History</i>
CBQ	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
CNBB	Versão do Conselho Nacional dos Bispos do Brasil

ConB	Coniectanea biblica
ConBOT	Coniectanea biblica, Old Testament
EA	Tábuas de Tell el-Amarna
ESHM	European Seminar in Historical Methodology
ETL	Ephemerides theologicae lovanienses
FB	Forschung zur Bibel
FCI	Foundations of Contemporary Interpretation
FOTL	Forms of the Old Testament Literature
HSM	Harvard Semitic Monographs
<i>HTh</i>	<i>History and Theory</i>
HTIBS	Historic Texts and Interpreters in Biblical Scholarship
<i>HUCA</i>	<i>Hebrew Union College Annual</i>
<i>IEJ</i>	<i>Israel Exploration Journal</i>
<i>JANES</i>	<i>Journal of the Ancient Near Eastern Society</i>
<i>JAOS</i>	<i>Journal of the American Oriental Society</i>
<i>JBL</i>	<i>Journal of Biblical Literature</i>
<i>JCS</i>	<i>Journal of Cuneiform Studies</i>
<i>JETS</i>	<i>Journal of the Evangelical Theological Society</i>
<i>JJS</i>	<i>Journal of Jewish Studies</i>
<i>JNES</i>	<i>Journal of Near Eastern Studies</i>
<i>JNSL</i>	<i>Journal of Northwest Semitic Languages</i>
<i>JSOT</i>	<i>Journal for the Study of the Old Testament</i>
JSOTSup	Journal for the Study of the Old Testament, Supplement Series
<i>JSS</i>	<i>Journal of Semitic Studies</i>
<i>JTS</i>	<i>Journal of Theological Studies</i>
<i>JTT</i>	<i>Journal of Text and Translation</i>
LAI	Library of Ancient Israel
LBI	Library of Biblical Interpretation
NAC	New American Commentary
<i>NBD</i>	<i>New Bible dictionary</i> . I. H. Marshall <i>et al.</i> (orgs.)
NCB	New Century Bible
NIBC	New International Biblical Commentary
<i>NIDOTTE</i>	<i>New international dictionary of Old Testament theology and exegesis</i> . Willem VanGemeren (org.)
NIV	New International Version
NRSV	New Revised Standard Version
OBO	Orbis biblicus et orientalis
OBS	Oxford Bible Series

OTG	Old Testament Guides
OTL	Old Testament Library
OTS	<i>Oudtestamentische Studiën</i>
PEQ	<i>Palestine Exploration Quarterly</i>
RA	<i>Revue d'assyriologie et d'archéologie orientale</i>
SBET	<i>Scottish Bulletin of Evangelical Theology</i>
SBib	Subsidia Biblica
SBLDS	Society of Biblical Literature Dissertation Series
SBLWAW	SBL Writings from the Ancient World
SBT	Studies in Biblical Theology
SBTS	Sources for Biblical and Theological Study
<i>ScrB</i>	<i>Scripture Bulletin</i>
ScrHier	Scripta Hierosolymitana
<i>SEÅ</i>	<i>Svensk exegetisk årsbok</i>
SHANE	Studies in the History of the Ancient Near East
SHCANE	Studies in the History and Culture of the Ancient Near East
SHJPLI	Studies in the History of the Jewish People and the Land of Israel Monograph Series
<i>SJOT</i>	<i>Scandinavian Journal of the Old Testament</i>
SMNIA	Tel Aviv University Sonia and Marco Nadler Institute of Archaeology Monograph Series
<i>ST</i>	<i>Studia Theologica</i>
StudP	Studia Phoenicia
SWBA	The Social World of Biblical Antiquity
TOTC	Tyndale Old Testament Commentaries
<i>TRu</i>	<i>Theologische Rundschau</i>
TSTS	Toronto Semitic Texts and Studies
<i>TynBul</i>	<i>Tyndale Bulletin</i>
<i>TZ</i>	<i>Theologische Zeitschrift</i>
UCOIP	The University of Chicago Oriental Institute Publications
<i>VT</i>	<i>Vetus Testamentum</i>
VTS	Supplements to <i>Vetus Testamentum</i>
<i>WTJ</i>	<i>Westminster Theological Journal</i>
<i>ZAW</i>	<i>Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft</i>
<i>ZDMG</i>	<i>Zeitschrift der deutschen morgenländischen Gesellschaft</i>

PRIMEIRA PARTE

HISTÓRIA,

HISTORIOGRAFIA

E A BÍBLIA

Capítulo 1

A história bíblica morreu?

Chegou a hora de a história da Palestina alcançar a maturidade e rejeitar formalmente os objetivos e as restrições da “história bíblica” [...]. É o historiador quem deve estabelecer os objetivos e não o teólogo.

... a morte da “história bíblica”...

O obituário foi redigido por K. W. Whitelam.¹ Ao utilizar a expressão “história bíblica” ele se refere a uma reconstrução da história da Palestina definida e dominada pelo interesse nos textos bíblicos e pela explicação deles, em um modelo em que tais textos constituem a base da pesquisa histórica ou estabelecem os objetivos dela.² Pode-se descrever o resultado desse trabalho como “... pouco mais do que paráfrases do texto bíblico decorrentes de motivações teológicas”.³ É esse tipo de história bíblica que, segundo Whitelam, está morto. Resta apenas realizar o funeral e prosseguir.

O anúncio dessa morte é um ponto apropriado para iniciarmos nosso livro, que deliberadamente inclui a expressão “história bíblica” no título e certamente pretende estabelecer o texto bíblico como o centro de nosso empreendimento. O obituário nos leva a tratar de algumas questões importantes antes que possamos, de fato, começar. Como chegamos ao funeral descrito pelos comentários de Whitelam? Acaso era inevitável que tudo terminasse assim? A morte de fato ocorreu ou (lembrando Oscar Wilde) os relatos do fim da história bíblica têm sido muito exagerados?

¹*The invention of ancient Israel: the silencing of Palestinian history* (London: Routledge, 1996), p. 35, 69.

²*Ibidem*, p. 51, 68-9.

³*Ibidem*, p. 161. Whitelam atribui essa ideia especificamente a Garbini, mas parece que ela está em clara harmonia com a de Whitelam.

Quais são as possibilidades de salvar o paciente? Ou, caso isso não ocorra, ele pode ser ressuscitado? Na busca de respostas a essas perguntas, temos de entender um pouco como a disciplina da História de Israel se desenvolveu até sua forma atual. Nosso primeiro capítulo é dedicado a essa tarefa; começaremos pelo fim, com a discussão e a análise dos argumentos de Whitelam.⁴

ANÁLISE DE UM OBITUÁRIO

A tese central de Whitelam é que o Antigo Israel elaborado pelos estudiosos da Bíblia com base, principalmente, nos textos bíblicos não passa de uma invenção que tem contribuído para silenciar a verdadeira história da Palestina. Ele alega que todos os textos antigos são “parciais”, no sentido tanto de não apresentarem a história completa quanto de exporem somente uma perspectiva dessa história (são, assim, “ideologicamente influenciados”). Relatos específicos do passado são, de fato, invariavelmente produzidos por uma pequena elite em qualquer sociedade e, sem dúvida, concorrem com outros possíveis relatos sobre o mesmo passado, dos quais talvez não tenhamos evidência alguma no presente. Contudo, todos os historiadores modernos também são “parciais”, tendo crenças e compromissos que influenciam o modo que escrevem suas histórias e até mesmo as palavras que utilizam em suas descrições e análises (e.g., “Palestina”, “Israel”). Whitelam afirma que, com frequência, por razões teológicas ou ideológicas, os autores que estão predispostos à influência do texto bíblico ao escrever suas histórias têm transmitido, nesse processo, a própria visão parcial dos textos como se ela simplesmente representasse “as coisas como, de fato, foram”. Agindo assim, esses historiadores tanto distorcem o passado quanto contribuem para a atual situação na Palestina, pois a condição difícil enfrentada pelos palestinos hoje está intrinsecamente relacionada à desapropriação da terra e a um passado elaborado por estudiosos bíblicos obcecados pelo “Antigo Israel”. Os historiadores têm distorcido o passado porque a apresentação feita por eles quase não tem relação alguma com o que de fato ocorreu. O “Antigo Israel” elaborado por esses historiadores com base em textos bíblicos é uma entidade imaginária, que só existe em suas mentes e não pode ser comprovada, tendo sua criação, aliás, associada com a situação política atual.

Por exemplo, o “fato” da existência na Idade do Ferro de um estado grande, poderoso, soberano e autônomo fundado por Davi dominou o discurso dos estudiosos bíblicos ao longo do século passado e coincide com a visão e as aspirações de muitos líderes do Israel atual, contribuindo para intensificá-las. No entanto, a perspectiva de

⁴A breve resenha a seguir está baseada na análise muito mais aprofundada que I. W. Provan faz em “The end of (Israel’s) history? A review article on K. W. Whitelam’s *The invention of ancient Israel*”, *JSS* 42 (1997), p. 283-300.

Whitelam é que os dados arqueológicos não indicam a existência de um estado israelita na Idade do Ferro, criado por alguns estudiosos com base nas descrições bíblicas. Ao mesmo tempo, a erudição recente tem nos ajudado a avaliar melhor as qualidades literárias dos textos bíblicos, minando a certeza de que esses textos possam ou devam ser usados na reconstrução histórica. Atualmente o povo de Israel apresentado na Bíblia é visto mais claramente como o povo de um livro escrito com grande habilidade artística e inclinação teológica. De acordo com Whitelam, praticamente não há prova alguma de que esse “Israel” tenha existido além da mera ficção literária.⁵

Assim, no meio acadêmico dos estudos bíblicos, chegamos a um ponto em que usar textos bíblicos para a elaboração da história israelita só é possível com grande cautela. Seu valor para o historiador não consiste no que eles têm a dizer sobre o passado em si, mas “... no que revelam acerca dos interesses ideológicos de seus autores, se (e apenas se) for possível situá-los no tempo e no espaço”.⁶ Portanto, não se deve permitir que os textos bíblicos definam e dominem o direcionamento da pesquisa. Deve-se permitir que a “história bíblica” descanse em paz em seu túmulo, enquanto avançamos em direção a um tipo de história totalmente diferente.

A melhor maneira de contextualizar a tese de Whitelam e avaliar sua obra é observarmos rapidamente duas tendências recentes entre os estudiosos da Bíblia que predominam no livro dele e que resultaram no debate sobre a história de Israel em geral.⁷ Em primeiro lugar, o estudo recente da narrativa hebraica, que tende a enfatizar tanto a arte criativa dos autores bíblicos quanto as datas tardias de seus textos, tem afetado a confiança de alguns estudiosos na ideia de que o mundo narrado na Bíblia esteja intimamente relacionado ao mundo “real” do passado. Por esse motivo, quando se fazem perguntas sobre o passado de Israel, há uma crescente tendência a dar pouca importância aos textos bíblicos. Existe também uma tendência correspondente em confiar mais nos dados arqueológicos (que, segundo se afirma, mostram que os textos bíblicos não têm relação com o passado “real”) e nas teorias antropológicas ou sociológicas. Diferentemente de textos elaborados artisticamente e “com viés ideológico”, esses outros tipos de dados têm sido apresentados com frequência como elementos que proporcionam base muito mais segura para se elaborar um quadro “objetivo” do Antigo Israel, algo bem distinto do que foi produzido até agora.

Em publicações recentes, uma segunda tendência é a de sugerir ou afirmar claramente que a ideologia prejudicou os estudos acadêmicos sobre a história de Israel realizados anteriormente. Tem-se estabelecido um contraste entre pessoas que, no

⁵Whitelam, *Invention*, p. 23.

⁶Ibidem, p. 33.

⁷Veja ainda I. W. Provan, “Ideologies, literary and critical: Reflections on recent writing on the history of Israel”, *JBL* 114 (1995), p. 585-606.

passado, foram motivadas pela teologia e pelo sentimento, em lugar da erudição crítica, dependendo excessivamente de textos bíblicos para elaborar a história de Israel e aquelas que, no presente, colocam de lado os textos bíblicos e tentam escrever a história de forma relativamente objetiva e descritiva. Por exemplo, T. L. Thompson vê entre os estudiosos do passado “... uma indiferença ideologicamente determinada por qualquer história da *Palestina* que não envolva diretamente a história de Israel na exegese bíblica...”; ele entende que uma história de Israel academicamente aceitável não pode ser produzida por autores que estejam fascinados pelo enredo da antiga historiografia bíblica.⁸ Essas duas tendências — a crescente desconsideração pelos textos bíblicos e a descrição negativa dos estudos acadêmicos anteriores como ideologicamente comprometidos — talvez sejam os principais aspectos que estabelecem a distinção entre a nova forma de escrever a história de Israel⁹ e a antiga, que tendia a considerar os textos narrativos fontes de dados essenciais para a historiografia (ainda que esses textos não fossem *apenas* históricos) e não estava muito inclinada a introduzir no debate acadêmico questões ideológicas e de motivações.

Nesse contexto, sem dúvida é possível utilizar o livro de Whitelam como exemplo perfeito da nova historiografia. Entretanto, o tipo de argumentação que acabamos de descrever é levado muito mais adiante do que fora feito anteriormente. Seguindo algumas ideias encontradas em P. R. Davies¹⁰ (ou talvez apenas sendo coerente com tais ideias), Whitelam agora defende não somente que a informação fornecida pelos textos bíblicos *sobre* o Antigo Israel é problemática, mas que a própria *ideia* do Antigo Israel inculcada em nossa mente por esses textos também é. Até mesmo historiadores mais recentes ainda escrevem histórias de “Israel”, o que, para Whitelam, é um erro. Na verdade essa abordagem é mais grave do que um erro, pois, ao inventar o Antigo Israel, os estudiosos ocidentais têm contribuído para que a história da Palestina seja silenciada. Para outros historiadores recentes, os compromissos ideológicos dos estudiosos são considerados relativamente inofensivos e sem implicações importantes perceptíveis fora da disciplina de estudos bíblicos, mas Whitelam certamente discorda desse entendimento. De modo praticamente deliberado, ele estabelece a ideologia na esfera da política contemporânea, afirmando que, como disciplina, os estudos bíblicos têm colaborado para um processo que priva os palestinos de uma terra e de um passado.

⁸*Early history of the Israelite people from the written and archaeological sources*, SHANE 4 (Leiden: Brill), p. 13, 81.

⁹Além dos textos de Whitelam e Thompson, podemos mencionar aqui livros como N. P. Lemche, *Ancient Israel: a new history of Israelite society*, BSem 5 (Sheffield: JSOT, 1988); G. Garbini, *History and ideology in ancient Israel* (New York: Crossroad, 1988); P. R. Davies, *In search of ancient “Israel”*, JSOTS 148 (Sheffield: JSOT, 1992); e G. W. Ahlström, *The history of ancient Palestine from the Paleolithic period to Alexander’s conquest*, edição de D. V. Edelman, JSOTS 146 (Sheffield: JSOT, 1993).

¹⁰Davies, *Search*.

UMA HISTÓRIA BÍBLICA DE ISRAEL

Neste bem-vindo compêndio, três respeitados estudiosos da Bíblia escreveram uma história do Israel antigo que leva o texto bíblico a sério e o considera um documento histórico.

Ainda que em sua pesquisa Long, Provan e Longman tenham também se valido de fontes não bíblicas e estejam atentos ao que disciplinas como arqueologia, antropologia e sociologia têm a dizer sobre o passado, eles o fazem respeitando o contexto e os paradigmas do cânon do Antigo Testamento, considerado por eles o documento primordial para reconstruir a história de Israel.

Na primeira parte da obra, os autores analisam o debate acadêmico de ontem e de hoje sobre o ensino da história de Israel, negando argumentos contra o uso da Bíblia como fonte central. Na segunda parte, buscam recontar a história em si, com os olhos fitos em todos os fatores examinados na primeira parte.

Uma contribuição mais do que bem-vinda ao que temos já publicado sobre a história e a historiografia israelita. Os autores conferem o peso necessário a vários elementos — textos bíblicos e artefatos do Antigo Oriente Próximo, tanto literários quanto físicos — ao elaborar essa história, sem rejeitar nenhum deles e ao mesmo tempo avaliando todos de maneira criteriosa. A maneira pela qual defendem o seu empreendimento é em si uma obra-prima, sendo também perfeita sua conclusão de que de fato se pode escrever uma história de Israel bem pesquisada e refletida. O presente livro é essa “história”.

David M. Howard Jr., professor de Antigo Testamento no Bethel Theological Seminary